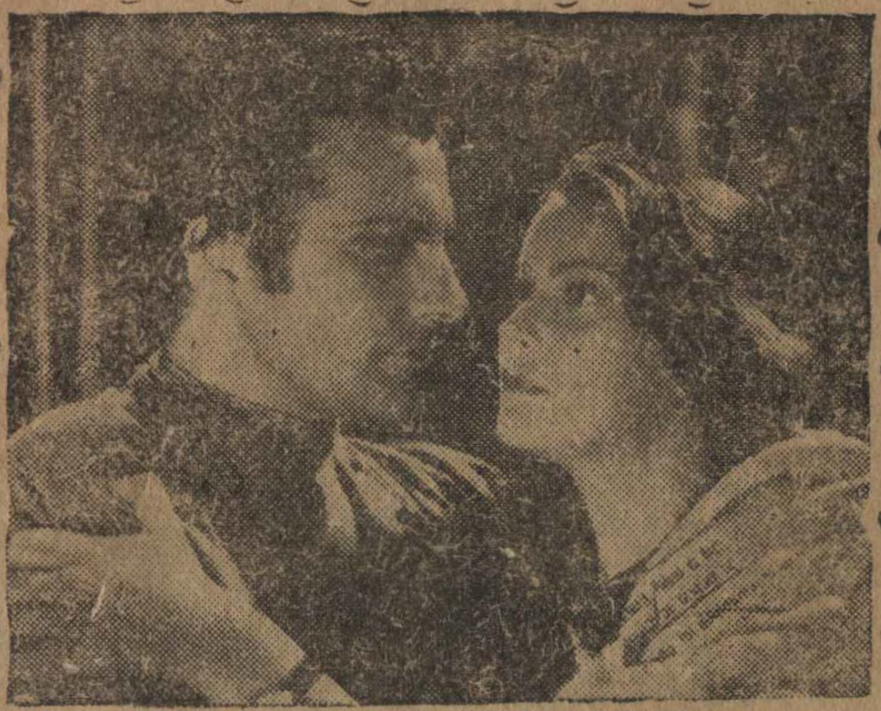
Editor: Prop. João José Silva

ALFREDO e JULINHA



Preço Cr.$ 3,00

Editor: Prop. João José Silva

ALFREDO E JULINHA

Eis aqui cáros leitóres
Um grande caso importânte
Que deu-se no Rio Grande
Com um rapaz viajante
Dos dramàs que eu tenho visto
Foi ò mais interessantè

Este rapaz de quem falo
Residia no sertão
Em Jardim de Seridó
Na Fazendà São João
Vivia com os seus paes
Na mais perfeita união

Alfrêdo éra o seu nome
Rapaz de tipo elegânte
Com 12 anôs de idade
ele se fez viajânte
Dà praia para o sertãô
Negociava ambulante

Um dia pela manhã
Alfredo se despediu
Arrumoú òs nescessàrios
Fez â partida e seguiu
Parèce qûe a triste sôrte
Destà vez lhe perseguiu

Ele seguìu a viagem
Com prazer e alegria
Arreiou p'ra descansar
As onze horas do dia
Na viração dô alpende
Da fazenda da Turquia

Ele arricu a bagàgem
E começou descansando
Ouviu prá dentro de casa
De qûando em vèz soluçando
Ele conheceù que erâ
Umâ pessoà chorando

Ele levantèù-se e disse
Meu Deus què quadra fêrina
Quando disse essas palavrès
Foi chegando umâ menina
Bonîta que só o brilho
Da estrela matutinâ

Alfredo penalizado
Disse: O qûe sentes mènina
Ela respondeû chorando
Eû sou uma perigrinâ
Que vivo aqûi cùmprindo
Minha miserâvel sina

Alfredo disse: Mocinha
Eu sòu ùm homem sem mèdo
A minhâ volta é rùim
De mim ninguèm faz brinqûedo
Diga porqûe está chorando
Me conte iá este enredo

A mòça disse: Senhôr
Eu choro é com razão
Porque meû pai é um homem
Más feroz qûe um leão
Muitos aqui chamam ele
A cascavel do sertão

Alfredo disse; Môcinha
Seu sofrimento faz dó
Eû sei qûe seu pai é brabo
Aqûi neste Seridó
Mas o remedio de ûm doidô
É oûtrô nô mocotó

Disse; Alfredo se vós ver
Qûe eû sôú merecedor
Me responda uma palavra
Pôr especial favôr
Como se chama a senhora
Eu quero ser sabêdor

Disse ela meu nome é Julia
Por apelidio Julinha
Alfredo neste mômento
Disse sôrrindo a môcinha
Se queres fugir comigo
Nós trâvessa o fim da linhà

Se aceitar a proposta
Desde já fique avisàda
parà nós sair daqui
A ùma da madrugada
Você fugindo comigò
Se acabà toda zûada

A moça deu um suspiro
Como qûem pede socorro
Disse: Eù fùjo agôra mesmò
Querendo na frente eu corro
mais se meu pâi for atraz
tenho sèrteza que morro

Alfredo disse;Mócinha
Istó é modo de dizer
O homem por ser valente
Não se livra de morrer
Quem leva o sacô prá dar
Tambem leva prá trâzer

Alfrédo neste momento
Mostrou qûe tinha coragem
Chegou prá pertò da moça
Disse a ela: Minha imagem
Dai-me ûm beijo até a hora
De nós seguir a viagem

Nisto a moça se ausentou
Alfredo ficoù sentado
Ninguem na casa sabia
Do qûe tinha se passado
Ela foi porèm deixou
O drama todò acertado

Alfredo ficou ali
Bastantè contrariado
Dizia dentro de sî
é triste o meu resultado
se eù não casar côm esta moça
findo meus dias enforcado

Alfredò a meiâ nôite
Selou urgente ò câvalo
A mocinha deu um fora
Com gosto de apanha-lo
Passaram um pitú no velho
E sairâm comendo um galò

Com duas horâs e meia
Saíram nûma rodagem
Alfredò neste momento
Disse para sua imagem
Só enfrenta um caso deste
O homem que tem coragem

Quando iâ rompendò a aûrora
Já se àproximândo o dia
Alfredo naqûela estrâda
Deserta não conhecia
Quando chegou adiante
Encontrou com um vigia

Quando o vigia viu eles
Gritou com frasè sinela
Essâ moça qûe vos leva
Eu conheçò esta donzela
Vou levar você agora
A presença do pai delà

Alfredo gritoù dizendo
Pode vir o inimigo
Prá eù entrègar a moça
Eù não conheço castigo
Séca o mar se acaba o mundo
Porem ela vai comigo

Disse o vigia. Comigo
Você hoje se embaraçà
Eu sou um negro vâlente
Que nûnca teme desgraça
Se acâba o mundo porem
A moça daqui não passa

Alfredo disse é mais fâcil
O diabo gôstar de vèla
Um macâco ir a igreja
De palma, véo e capelà
Quandò isto acontecer
Pode ser que eu deixe ela

Disse ò negro: Vamos ver
Quem é que cônta â historia
Alfredo gritoù nà lutâ
Um de nós cântà vitoria
Vamos ver de nós dois quem
Fica côm esta memôria

O negrò neste momento
Gritou: Eu sou verdadeiro
Primeiro eu dou-lhe uma surra
Só mato por derradeiro
Alfredo disse: Muleque
Vamos ver quem cai primeiro

Alfredo enfrentou a luta
Brigândo sem embâraço
O negro com meia hora
Abandonou o cangaço
Correu qûe os mocotós
Batiam no èspinhaço

Com a carrêira do negrò
Serviu âté de grecèjo
Alfredo gritou; Muleque
Quedê você que não vejo
Homem desta qualidâde
Não emfrenta um sertanejo

Aqui eu deixo Alfredo
Com a sua amante bela
Vôu falar no pai da moçâ
Militão Lima Portela
Quândò amanheceu ô dia
Que não achou a donzela

Começaram procûrando
Naquelâ ocàsiãô
O vegia ia chegândo
Gritou e disse: Patrão
A sua filha fugiu
Com um rapaz do sertão

Eu estâva na cancela
Quando eles vinham chegandò
Julia de braço com ele
Muitò baixinho conversândo
E eu sem perca de tempo
Fui logo â ele enfrentandò

Quândo enfrentei o moço
Fèz medo só em dizer
A lûta foi tão tremenda
Que fez a terra tremer
Eu vi que não dàva jeitô
corrí para não morrer

O capitão nestâ hora
Disse no meio da contenda
Eu voù mandar intimâr
Meus càbras de êncômenda
Vou buscar o sertanéjo
Prá matà-lo na fazenda

E gritou para o vigia
Reuna a rapâziada
Vá me chamar Quinta-feira
Rouxinol e Mão Furada
Marimbondò e capuxú
Ventania e Trovôada

Traga o negro Antonio Macho
Adriãõ e Jósé Gato
Apolinario da Cunha
Sebastião e Donato
E me diga a João errado
Que venha pegar ô pato

Nisto o vigia sàiu
Fez o convite ligeirô
Com menos dè dez minutos
Ficou repletó o terreiro
Prá todo lado se via
Esteira de cangaceiro

Quando reuniu-se os cabras
O câpitão nesta hora
Bateu a mão no seú rifle
Saltou dô lado de fora
E disse para os capangas
Vâmos segùir sem demóra

Vamos prender ũm bandido
Que me carregou Julinha
Eu prá pegár ele hoje
Vou até o fim da linha
Dó jeitô que estou danado
Brigo até com a murrinha

Os càpangas responderam
Entre nós não há duelo
O Rio Grande do Norte
Só cria homem amàrelo
E nós na brigadâ sómos
A côbrâ que mordeu belo

Militãõ com os seûs câbràs
Neste momento segùia
Viajandô sem ter medo
Entrou nũma travessia
Foram encontrar os âmàntes
As onze horas dó dia

Alfredo que se achava
Junto a beirâ da estradà
Numa sombrâ descansando
No colo da sûa amada
Quàndo naquele momento
Surgiu a rapasiàda

Quàndo o grûpo foi chegando
Gritou de lá um bandido
Cabra safádô conheça
Que seu plàno foi perdido
Siga direto a prisão
Cabra cretino àtrevidô

Conhêce qûe está no cerco
Dôs cabras de Militão
Não fale nem esmôreça
Sigâ direto a prizão
Nesta vóz Alfredo disse:
Morto sim mas preso não

Alfredo entrou alí
Numâ lùtâ encârniçada
Pegou o revolve dele
Entregoû a sua âmâda
Ficoû brigando sòmentè
De rasteira e cabeçadâ

Alfredò partiu a fim
De estrangùlar Militão
Quando passavâ a rasteira
Botâva um eito no chão
No souco e na cabeçadâ
Era iguâlmentè um canhão

Julinha tambem de um lâdo
Cumprindo ûm forte destino
De vez em qùando àtirava
Na testa de um âssassino
Qùando arrèstavâ ô gâtilho
Podia bater no sino

Com meiâ horâ de luta
Era horrenda a multidão
Ficou 24 cabras
Mortos prostados no chãô
Só escapou na revolta
O valente Militão

Depois qûe Militão viû
Morrer suâ cabroeira
Meteu ô pêito no mato
Saiu quebrando mâdeira
De um choto que deu tirou
4 leguas na carreirà

Quando ele chegêu êm casâ
Gritou no meio do salão
Eu encontrei com Julinha
Na volta do grutilhão
Fugindo cóm o diabo
Em figura de cristão

Quando eu falei prá ele
Disse que erâ Militão
Ele partiù para mim
Mais ferez qûe um drâgão
Deu-me um souco tão danadò
Quase eû vomito o pulmão

Entrou na luta àbaixàdo
Sem nenhum acanhamento
Na cabeçada e no souco
Brigava què só jumento
Eû escapei porque úsô
A oração de São Bento

Aqui façô um paradeirô
Com todâ pontûação
Nâ mêsma historia eu sigô
Dando a discriminação
Falando sobre o Alfredo
No fim dâ revolução

Alfredo quando sè viu
No meio da lutà sôzinho
Disse a Julinha: Seû pai
Vai me cônhecer direitinho
Para sâber quê não deixo
Viagem em meiô dè câminho

Dizendo isto voltôu
Pela mêsma direção
Atráz de ver sê encontrava
O valente Militão
Alfredo dizia: Eû hoje
Decido toda qûestão

Foi direto a casa dele
Quando chegou no pôrtão
Partiu um lôbo valente
Alfredo pegou-lhe a mão
Deu-lhe um baque tão danádo
Que sâltôu o coração

Qûando mâtou o cachorrô
Foi chegandô um cangaceiro
Partiu pré pegar Alfredo
Mâs ele muito ligeirô
De umâ qûedâ qûe deu-lhe
Não ficou um osso inteiro

Alfredo ficoù ali
De pronta execução
Bateu na porta dizendo
Aqui tem um cidadão
Que deseja conhecer
O valente Militão

Quândô Militão saiu
Alfrêdo disse: Conheça
Que vim pedir suâ filhâ
É bom que não se estremeça
Si não com poucô ùmâ bala
visitâ sûa cabeça

Militão partiu prá ele
Como um lobo carniceiro
Alfredo negou-lhe o corpo
E gritou muito ligeiro
Velho você hoje encontra
Tampa prà seu tabaqueiro

Pegoù o velho na beca
Bateu com ele no chão
Meteú-lhe ò punhal na bōca
Gritoù no meio do salāò
Responda velho dànado
Se me dá a moça ou não

O velho se viu perdido
Fez o maior desespeiro
Disse á Alfredò; Me solte
Que eu lhe dòu muito dinhēiro
Doū a filhā e a mulher
E sirvo de travesseiro

Ôsou Alfredo de Almeida
— teve nô fim perdão
roubou a filha do velho
— fez a revolûção
utou até que venceu
O valènte Militão FIM

ATENÇÃO!...

A FOLHETARIA LUZEIRO DO NORTE, que acha-se instalada na Rua Padre Muniz, 338, em Recife Pernambuco, dispõe de Romances e Folhetos dos melhores Poétas do Brasil o maior estoque e sortimento já visto até hoje. E mantém um só preço tanto na matriz como nas agencias ou filiais.

(JOÃO JOSÉ)

A agencia principal Páteo do Mercado de São José, em Recife, sob a direção de Alfredo Casado de Lima.

Agentes grossistas: ARTUR PEREIRA SALES, Travessa 3 de Maio n.o 56 - Ponta Grossa - Maceió - Alagoas.

E JOAQUIM MARTINS DE ATAYDE
RUA SÃO MIGUEL, 172 - CARUARÚ-PERNAMBUCO

Aviso!...

MANOEL CAMILO DOS SANTOS

PROPRIETARIO DAS

Tipografias e Folhetarias SANTOS

RUA SANTO ANTONIO, 114 - CAMPINA - GRANDE

E Rua Prefeito Manoel Simões, 15 - Guarabira

O unico exclusivo nos Estados Paraiba e R. G. do Norte

O qual mantém o mesmo sortimento e os mesmos preços